

Este Dicionário apresenta-se como uma obra de referência para as/os interessadas/os nos estudos de gênero, pois analisa importantes categorias e autoras/es que contribuem para estes estudos. Há muito tempo a categoria de análise gênero tem apontado e visibilizado o silenciamento da história no que diz respeito às relações entre mulheres e homens, demonstrando que este silêncio foi historicamente construído. Este livro apresenta importantes categorias, em formato de verbetes, que contribuem para questionar a naturalização das formas de relações sociais que instituem o feminino e o masculino em uma escala de valores hierarquizada, tendo como objetivo, desnaturalizar no imaginário e nas representações sociais, as desigualdades existentes nas relações entre homens e mulheres. Trata-se de uma obra instigante e plural a partir do enfoque que entende o gênero como uma representação que produz e reproduz diferenças por meio da classificação dos indivíduos pelo sexo, e que exige, portanto, abordagens e epistemologias específicas para suas análises. Longe de ser um manual didático o "Dicionário Crítico de Gênero" apresenta conceitos já trabalhados por autoras/es em outros estudos, mas pode ser considerado uma referência bibliográfica atualizada para os/as interessados/as em estudos de gênero e sexualidades. Por ser um dicionário crítico, os verbetes foram redigidos sob a forma de problematização de conceitos, para estabelecer uma reflexão e uma aproximação, necessárias e sugestivas, entre os conceitos e seu objeto. Cada verbete/conceito arrola pequenas bibliografias, umas mais, outras menos extensas, certamente úteis para a continuidade e aprofundamento das/os estudiosas/os da temática, resgatando e sugerindo interessantes propostas teóricas e críticas. Elaborado por intelectuais de diversos campos do saber e de diversas universidades brasileiras e internacionais, propõe-se um instrumento de conhecimento e de comunicação e suas reflexões serão fundamentais aos estudos de gênero e das sexualidades.



Ana Maria Colling
Losandro Antonio Tedeschi
(Organizadores)

Dicionário Crítico de Gênero





Universidade Federal da Grande Dourados
 Reitor: Damião Duque de Farias
 Vice-Reitora: Marlene Estevão Marchetti

EDITORA DA UFGD
 Coordenação editorial: Paulo Custódio de Oliveira
 Administração: Givaldo Ramos da Silva Filho
 Programação visual: Marise Massen Frainer
 e-mail: editora@ufgd.edu.br

CONSELHO EDITORIAL
 Paulo Custódio de Oliveira
 Marlene Estevão Marchetti
 Sandro Menezes Silva
 Célia Regina Delácio Fernandes
 Rogério Silva Pereira
 Luiza Mello Vasconcelos

A revisão textual e a normalização bibliográfica deste livro são de responsabilidade dos organizadores e autores.

Os autores são responsáveis pela escolha e apresentação das imagens contidas nesse livro e pelas opiniões nele expressas, as quais não são, necessariamente, as mesmas da UNESCO e não comprometem a organização.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

D546	Dicionário crítico de gênero. / Organizadores: Ana Maria Colling, Losandro Antonio Tedeschi -- Dourados, MS: Ed. UFGD, 2015. 682p. ISBN: 978-85-8147-118-1 Possui referências 1. Dicionário de gênero. 2. Sexualidades. I. Ana Maria Colling. II. Losandro Antonio Tedeschi. III. Título. CDD - 301.418
------	--

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central - UFGD.
 © Todos os direitos reservados. Conforme lei nº 9.610 de 1998



Ce Dictionnaire, superbement pensé, documenté, organisé, atteste de la vitalité et du développement des recherches sur les femmes et le genre dans le monde ibérique et latino-américain, dont le Brésil est un phare. Car c'est une initiative brésilienne dont il faut féliciter les coordinateurs, Ana Maria Colling et Losandro Antonio Tedeschi, tous deux enseignants-chercheurs à l'UFGD (Université fédérale de Grande Dourados, Matto Grosso do Sul), université engagée depuis de nombreuses années dans les programmes « Femmes/Genre », avec une perspective pluridisciplinaire très sensible dans le Dictionnaire, ouvert aux multiples facettes des sciences humaines.

Ils ont suscité, recueilli et ordonné une matière foisonnante autour de deux axes majeurs: les personnes qui, par leur écriture, leur pensée, leur action ont contribué au développement de ce champ; d'autre part, les notions qui le structurent. D'un côté, Simone de Beauvoir, Poulain de la Barre, Pierre Bourdieu, Judith Butler, Michel Foucault, ou Bertha Lutz. De l'autre, Aborto, Aids, Clitoris, Histeria, Homofobia, Lesbianismo, Pecado original... Les articles proposent des analyses approfondies autour du prisme du genre. Par exemple, la notice (Margareth Rago) consacrée à Michel Foucault traite non pas de l'œuvre du philosophe, mais de son apport, parfois controversé, à l'histoire des femmes et à celle de la sexualité.

Ces données sont classées dans l'ordre alphabétique des entrées 137 auteurs ont rédigé plus de 148 notices. Cela représente un confluent de recherches et d'écritures qui aboutit à ce fleuve, à cette somme unique, nécessaire, utile, qui a valeur de manifeste et suscite l'admiration.

Après le silence obscur du laboratoire, vient la synthèse en pleine lumière. Voici, mis à la disposition du plus grand nombre, un demi-siècle de réflexions et de recherches sur l'histoire des femmes, les relations entre les sexes, leur différence, les sexualités, le genre. Témoin des progrès accomplis, des découvertes qui ont changé nos conduites et peut-être nos vies par les chemins de liberté qu'ouvre la connaissance, ce Dictionnaire pionnier, original, désormais indispensable instrument de travail, fait le point de nos savoirs et nous incite à poursuivre.

Michelle Perrot



linhas direitas e numa filosofia de vida que se afasta do modelo vigente da esposa, mãe e dona de casa (MARQUES, 2004, p. 17). Tem por base o romance homónimo do escritor francês Victor Margueritte (1866-1942), publicado no ano de 1922, cuja personagem principal - Monique Lerbier - dará o mote para a caracterização da mulher moderna. Na ficção, Monique é uma jovem da alta sociedade francesa, educada de forma tradicional para se tornar numa boa esposa e mãe de família, mas que, ao descobrir a traição do noivo, começa a trabalhar, recusa o casamento de conveniência arranjado pelos pais, adopta atitudes arrojadas e sexualmente ambivalentes, altera o seu visual, multiplica aventuras galantes, frequenta *cabarets* e *dancings* da moda, experimenta o ópio e a cocaína. Considerado indecoroso, o romance *La Garçonne* foi responsável por um dos maiores escândalos literários do século XX, tendo sido incluído, pelo Vaticano, no *Index* dos livros proscritos e proibido em vários países. A campanha difamatória deu, no entanto, grande publicidade ao livro, convertendo-o num êxito de vendas, tendo sido traduzido em várias línguas e adaptado ao teatro e ao cinema (BARD, 1998, p. 65-67). Embora criticado, o modelo *garçonne* divulgou-se por todo o mundo, apoiado pela imprensa periódica e pelo cinema, em estreita articulação com a propagação

Garçonne

O vocábulo *garçonne* é um neologismo criado, em 1880, pelo escritor e crítico de arte Joris-Karl Huysmans (1848-1907), mas é nos Anos Vinte que se divulga para identificar a mulher moderna, de aparência andrógina e de espírito independente, traduzidos no corte de cabelo curto, no vestuário de

de produtos cosméticos e artigos de moda. Definidas pelos críticos mais acérrimos como “nucas rapadas, saias pelo pescoço e decotes pelo joelho” (MARQUES, 2004, p. 22), as *garçonnes* chocaram a sociedade do seu tempo, sobretudo os meios mais conservadores, assumindo, em alguns países, designações específicas, como é o caso de *flappers*, *cabelos à Joãozinho* e *melindrosas*, respectivamente nos Estados Unidos da América, em Portugal e no Brasil (MARQUES, 2007, p. 26, 54; CARDOSO, 2010, pp. 212-218). “De cabelo curto, a *garçon*, lábios em forma de coração, pega-rapaz caindo sobre a testa, roupas leves e transparentes, saias curtas e decotes longos, às vezes com pequeno chapéu *cloche*, às vezes sem ele, sedutora sempre”, a melindrosa, personagem criada pelo caricaturista J. Carlos, em 1920, será consagrada por Benjamim Costallat no seu romance *Mademoiselle Cinema* (1923), versão brasileira do famoso *La garçonne* e o maior sucesso editorial da República Velha (RESENDE). Embora os vocábulos referidos remetam para todo um visual, é o “escandaloso corte de cabelo” o principal elemento identificador da mulher moderna, por dar visibilidade à masculinização feminina, equiparando a mulher ao sexo oposto. Confundindo as identidades sexuais, o cabelo *à la garçonne* era associado a atitudes contestatárias que poderiam pôr

em causa o tradicional papel das mulheres na sociedade, afigurando-se, por isso, subversivo e potencialmente perigoso. As primeiras mudanças nos padrões estéticos femininos antecedem a I Grande Guerra (1914-1918), coincidindo com a crescente importância da moda na formação das representações e os inícios do modernismo (BARD, 1998, p. 9-10; 16). Estes traduzem-se num novo tipo de silhueta, estilizado e esguio, em substituição das formas opulentas, de forte cunho maternal, que corporizavam os cânones da beleza da mulher da segunda metade do século XIX (VAQUINHAS, 2013, p. 241-242). A formalização do novo ideal físico acompanha-se de cuidados com o bem-estar (prática de algumas actividades desportivas, contestação do corpete ou da cauda nos vestidos, masculinização do vestuário, preocupação com a gordura e a alimentação, entre outros aspectos) que mobilizam a opinião pública. Os higienistas manifestam-se, de um modo geral, favoráveis às mudanças em curso, tendo o belo adquirido, no final do século XIX, conotação médica, sendo entendido como o culminar da saúde (VAQUINHAS, 2013, p. 255). O uso de calças pelas mulheres ou da saia-calção pela *biciclista*, será igualmente motivo de forte controvérsia, em vários países, difundindo-se já nos Anos Vinte, por iniciativa sobretudo de Coco Chanel.

De forma a corresponder às exigências das *new women*, costureiros famosos, como Poiret e Madeleine Vionnet, entre outros, criariam roupas mais simples e cómodas que facilitassem “movimentos ágeis e vigorosos” (VAQUINHAS, 2011, p. 66). A estas alterações da aparência feminina não são alheias a progressiva entrada das mulheres no mercado de trabalho fora do domicílio, a sua maior presença no espaço público, o aumento da produção literária feminina, os inícios dos movimentos feministas e o acesso à instrução, dotando-as de meios que proporcionam novas conquistas, fenómenos que se aceleram a partir da I Grande Guerra. Reflectem igualmente uma nova identidade e o questionar das relações e dos papéis de cada sexo na sociedade, com destaque para a valorização dos sentimentos nas relações conjugais (SCHPUN, 1997, p. 36), e o colocar em causa a maternidade como objectivo prioritário das relações íntimas. É nos *loucos Anos Vinte*, no rescaldo de um conflito sem precedentes à escala mundial que abalou todos os campos da vida económica e social, que se afirmam as *garçonnes*. Com o seu cabelo curto, corpos esbeltos e seios pequenos, trajes ligeiros, sapatos cómodos, frequentadoras dos novos locais da boémia nocturna, adeptas de um modelo de vida cosmopolita, simbolizam toda uma mudança de menta-

lidade relativamente à mulher burguesa tradicional, ao mesmo tempo que exprimem o optimismo e a esfuziante alegria de viver dos anos do pós-I Grande Guerra. A década traz o desnudamento de partes do corpo feminino antes encobertas, as quais se mostram e exibem, adquirindo uma nova funcionalidade. A redução do comprimento dos vestidos e a “descoberta das pernas” constitui uma das marcas distintivas do período, a qual vem dar uma maior liberdade de movimentos à mulher. Os modelos e as referências estéticas são, em geral, de inspiração francesa (SCHPUN, 1997, p. 85; PRIORE, 2006, p. 258), apresentando-se vestidos de linhas direitas e fluidas, até ao joelho. Os decotes também se tornam mais generosos, sobretudo no vestuário *da noite*. Acessórios sabiamente escolhidos, em particular, colares compridos de pérolas, de duas voltas; sapatos de salto com biqueira em *bico de pato* e maquilhagem de cores fortes e provocantes completam a personagem. Em voga entra também o *smoking*, substituindo-se os vestidos pelo uso de calças, gravata e bengala, indumentária que vem colocar a questão da virilização feminina por se tratar de um traje tipicamente masculino. A exposição do corpo vai obrigar a cuidados redobrados com a aparência impulsionando a prática de alguns desportos (ténis, natação...) e a frequência

das praias, as indústrias cosmética e farmacêutica e a comercialização dos seus produtos, bem como o negócio dos salões de cabeleireiro ou de beleza, profusamente publicitados nas páginas dos periódicos, factores decisivos no nascimento da sociedade de consumo e na democratização da moda (VAQUINHAS, 2004, p. 9; BARD, 1998, p. 48). Produtos capilares e de beleza, dietas para emagrecer, sabonetes, loções, cremes, depilatórios, perfumes, colorações de cabelo, *permanentes indefrisáveis* prometiam a sedução de visuais modernos e o combate aos sinais do envelhecimento. Associada ainda à *mulher moderna* está a condução de automóveis, chegando algumas a tirar o *brevet* e a pilotar aviões. Ser *garçonne* implicava, no entanto, capacidade económica e alguma instrução, correspondendo esse modelo, sobretudo a uma minoria de mulheres pertencentes em regra à classe média alta, com possibilidade de cuidar da aparência, de frequentar os lugares da moda, de ter acesso à cultura francesa ou estar atenta às novidades americanas. Nos anos do pós-guerra, elegância e boémia tendem a coincidir, apropriando-se a *garçonne* do universo da noite, até então estritamente masculino. Nos *nightclubs* ou nos *dancings* entregam-se aos ritmos vibrantes do *jazz*, às coreografias atrevidas das novas danças (*charleston*, *fox-trote*, *shimmy*, *one-step*...), bailam coladas

ao par, removidos muitos dos obstáculos do vestuário feminino do passado. O factor moda leva também muitas mulheres a fumar, fenómeno a que as tabaqueiras não ficam indiferentes, criando marcas de tabaco destinadas ao sexo feminino ou servindo-se da imagem da mulher moderna na publicidade. Também associado à vida nocturna está o consumo de estupefacientes: a morfina, a cocaína ou *côca*, o ópio ou *ídolo negro*, sendo este último consumido em lugares próprios, as *fumeries*. A vertigem da velocidade afecta as relações, multiplicando-se os *firts* passageiros. A homossexualidade feminina expande-se e a ambiguidade das identidades sexuais permanece como uma constante dos loucos Anos Vinte, característica perceptível nos escritos de temática lésbica de Judith Teixeira e de Ercília Nogueira Cobra, autoras que escandalizaram o moralismo oficial de Portugal e do Brasil, com impacto na apreensão de algumas das suas obras (MARQUES, 2006, p. 91; CARDOSO, 2010, p. 214-216). Apesar do carácter excepcional dos comportamentos desviantes, a ousadia da *garçonne* e a avaliação negativa que é feita das suas atitudes suscitam reacções, organizando-se, em vários países, associações de defesa dos costumes cristãos que visam garantir a decência e a moralidade, no fundo, assegurar a castidade da mulher até ao casamento e a concepção cristã

de família. Contudo, se os cabelos curtos e as roupas simplificadas entraram nos gostos femininos, já no campo dos comportamentos as alterações foram mais tímidas: casar permanece como o sonho da *garçonne* e o casamento como a garantia da sua sobrevivência e reconhecimento social. No fim da década, em especial a partir da crise de 1929, o visual *garçonico* começa a perder importância, regressando os cabelos compridos e modas mais femininas, em estreita articulação com o retorno das ideologias conservadoras e os anseios de ordem e estabilidade. Enfim: protagonista central dos Anos Vinte, as *garçonnes* marcaram a década, introduzindo novas identidades portadoras da noção de liberdade, tanto nas atitudes como nos costumes, não desprovidas de consequências políticas, tendo dado grande visibilidade à mulher no espaço público, antecipando a sua adaptação às novas exigências profissionais. Essa foi uma das suas grandes conquistas...

Irene Montesuma Vaquinhas

Referências e sugestões de leitura

BARD, Christine, *Les Garçonnes. Modes et fantômes des Années folles*. Paris: Flammarion, 1998.

CARDOSO, Elizangela Barbosa, *Identidades de gênero, amor e casamento em Teresina (1920-1960)*, Niterói, 2010 (Tese de doutorado)

<http://www.historia.uff.br/stricto/td/1218.pdf> Acesso em 02/08/2013.

CASTALLAT, Benjamim, *Mademoiselle Cinema*, Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 1999. <http://books.google.pt/books?id=hkbafIPUk30C&pg=PA9&clpg=PA9&dq=mille+cinema+Benjamin+Castallat&source=bl&ots=rddVf7ijUc&sig=D8tdBpfOpFbDfhmKW6IhisgnjaU&hl=pt-BR&sa=X&ei=700SUrOUCOXR7Abrl-CwAg&cved=0CEYQ6AEwAw#v=onepage&q=mille%20cinema%20Benjamin%20Castallat&f=false> Acesso em 20/08/2013.

MARQUES, Gabriela Mota, "Cabelos à Joãozinho". *A garçonne em Portugal nos Anos Vinte*. Lisboa: Livros Horizonte, 2007.

PRIORE, Mary del, *História do amor no Brasil*, São Paulo: Editora Contexto, 2006.

RESENDE, Beatriz, "A volta de Mademoiselle Castellar", books.google.pt/books?isbn=8587220020 Acesso em 20/08/2013.

SCHPUN, Mónica Raisa, *Les années folles à São Paulo. Hommes et femmes au temps de l'explosion urbaine (1920-1929)*, Paris, L'Harmattan, 1997.

VAQUINHAS, Irene, "Prefácio", *Entre garçonnes e fadas do lar. Estudos sobre as mulheres na sociedade portuguesa do século XX*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2004, p. 7-13.

VAQUINHAS, Irene, "Alguns aspectos da elegância e da beleza femininas nos finais do século XIX", "Senhoras e mulheres" na sociedade portuguesa do século XIX, 2ª edição, Lisboa, Editorial Colibri, 2011, p. 53-79.

VAQUINHAS, Irene, "Quando a gordura começou a deixar de ser formosura... Os caminhos de um novo paradigma estético nos finais do século XIX-inícios do século XX", *Revista de História das Ideias, O corpo*, vol. 33, Instituto de História e Teoria das Ideias, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2012, pp. 241-259.

